

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.^o Antonio Hermano

DA

Direcção do Collegio Vimaranesense

DE

S. DAMASO

Redacção
e Administração:
Collegio
de S. Dâmaso
Guimarães

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui inseridos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originaes devem
estar na redacção
até o dia 30 de
cada mez.

Summario—A Cruz Vermelha, P.^o F. Patricio—Patria (poesia), A. Moreira Bello—A evolução pela Cruz, Dr. Montenegro—A juventude e o tabaco, J. Oliveira—Meditações, P.^o Antonio Hermano—Acta Mensis, II.

ACTA MENSIS

Mensuario gratuito

Lectoribus

No proposito de o tornar agradável e util aos nossos assignantes, daremos ao boletim que costumamos inserir nas capas da *Crença & Letras*, a forma nova e amena de jornal em miniatura, com ambito mais largo, secções mais variadas, e maior somma de texto pois que sempre constará de 4 paginas. D'estarte, pequenas noticias, expedientes de administração, chronica literaria, remques d'ocasião, boletim da Associação escolar de S. Luiz, referencias ao collegio de S. Damaso, terão boa cabida no *Acta mensis*, ficando a *Crença & Letras* propriamente dicta, reservada exclusivamente para a colaboração literaria ou scientifica.

Scripta

A minusecula chronica literaria do *Acta mensis* não comporta apreciações ou juizos

criticos de muita alçada; todavia, duas palavras de commentto, sineceras e breves, sempre as terá a publicação, nova sebetudo, que, nos faça a graça de sua visita. E' um dever de cortezia a que nos não furtaremos; embora sem atavios de erudição ou de sciencia, não deixaremos ficar á porta quem nos procurar a humilde casa.

O Conselheiro Economico das Familias.—É um volumezinho de 135 paginas que, em attenção aos uteis assumptos que versa, merece ser lido por todas as donas de casa. Custa 300 reis em brochura e 500 réis em percalina.—Livraria-editora, *Vinva Jacintho Silva*, rua do Almada, 136—Porto.

Resumo da Civilidade Christã.—O Rev. João Maciel publicando este livrinho, prestou um bom serviço á mocidade. E' uma bella synthese exposta sob uma fórma bastante correcta. Sente-se no nosso meio escolar a falta d'um bom compendio de educação: este, como resumo que é, não mira ao desempenho de tal missão, mas

fornece elementos para o preenchimento da lacuna. Ao auctor bem como ao editor, Sr. Laurindo Costa, o nosso parabem.

Tratado de Chimica Elementar por F. Ribeiro Nobre, professor do lyceu do Porto.—Parece-nos um bom compendio, exposto com muito methodo e em perfeita harmonia com o programma dos lyceus. Merece o melhor acolhimento.

Portugal Jacobino, por Jacintho Fernandes.—E' uma critica muito interessante ao *Portugal Jesuita*, do Sr. Borges Grainha. Apesar de tudo, não nos parece a ultima palavra sobre a questão. Editores: Cruz & C.^a—*Braya*. Preço, 500 rs.

Agradecemos o attencioso offerecimento.

Pequena Revista.—E' um promettedor tentame litterario em que varios academicos da Universidade principiam ou continuam a fazer nome. Entre os trabalhos insertos no n.º 2, merecem a nossa preferencia as poesias firmadas por Carlos de Lemos e Luiz Guimarães.

A Reacção.—Tambem revista litteraria d'um grupo de talentosos academicos. Inserem composições de bastante valia. Dirige-a com muito criterio Gustavo Santiago.

Fim de Seculo.—Agradou-nos muito este novo periodico pela correccão e mesmo elegancia com que está redigido, mais ainda pela independencia absoluta com que entra na liça. Propõe-se pôr a nã muito vicio, muito desvio moral que por ahí se acantona. Deus o ampare. Redacção, Rua do Rosario 66—Porto.

O Rapido.—Com ser orgão dos empregados dos caminhos de ferro, correios e telegraphos, não deixa de fazer entrar como parte integrante do seu programma as sciencias, a agricultura, o commercio e a industria. Bem escriptos os numeros que recebemos. Redacção: *Calçada do Carmo, 21, 1.º Lisboa*.

Pelo que respeita a outrós periodicos cuja visita já não é nova, d'elles diremos ao passo que se nos fôr offerecendo enseejo.

Indoctus.

Lugens

Entre as noticias mais tristes a registar, avulta a morte de Silva Caldas. O saudoso extincto era commandante dos Bombeiros Voluntarios e fazia parte da Direcção do Banco Commercial. Honrado como os que melhor o sabem ser, tão activo como ener-

gico, ~~húmido~~ e bondoso, o seu lidino character ~~húmido~~ lhe grangeado em toda a cidade uma aura de incondicional sympathia.

O povo vimaranense manifestou bisarramente a sua saudade e gratidão prestando-lhe honras funebres em que a pompa e o sentimento disputaram primasias.

—Falleceu tambem a Ex.^{ma} Sr.^a D. Antonia Maria Mendes, mãe do Ex.^{mo} Sr. Francisco Martins Fernandes e a Ex.^{ma} Sr.^a D. Francisca Candida Ribeiro da Costa Meirelles, mãe do nosso illustre amigo P.^e José Ribeiro de Castro Meirelles, de Mattos.

A's tres enlutadas familias a nossa muito sincera condolencia.

Lacrima.

Conferencias

A Ex.^{ma} Direcção do *Club Commercial* d'esta cidade, com o brioso intuito de dar áquella instituição mais lustre e maior animação promoveu uma serie de conferencias mensaes para as quaes tem obtido a collaboração de nomes justamente reputados.

Oraram já e com muito applauso, os Ex.^{mos} Srs. Conego Gomes e Dr. Meira, aquelle sobre a questão social e este sobre a educação de meninas em collegios. Consta-nos que a seguir ouviremos os Ex.^{mos} Srs. Dr. Marques, Conde de Margaride, Dr. Braultio e P.^e Henrique Gomes.

Fama.

Associação Escolar de S. Luiz

—Realisou-se quarta-feira, 31 de janeiro, a sessão mensal. Lida e approvada a acta da sessão anterior, tomou a palavra o snr. presidente-nato. Explicou porque havia addiado a sessão para o ultimo do mez, fallou do estado financeiro da Associação, disse que do seu bolso reduzira a metade o deficit que a meza herdara, e propoz que se rezasse todos os mezes uma missa em honra de S. Luiz.

Fallou por varias vezes o socio Henrique Gomes para varias propostas que a assembleia approvou e offereceu-se para dizer a missa mensal. O socio Antonio Hermano pediu que na acta se exarasse um voto de censura a um ex-socio e justificou o seu pedido. O snr. presidente Carlos Borges dirigiu palavras de elogio ao

rev. Hermano Amandio por ter concorrido com avultada quantia para extinguir o deficit.

—Consta-nos que está em 25\$000 reis a subscrição para a bandeira de S. Luiz.

—Varias pessoas tem coadjuvado a Associação d'uma maneira assáz generosa: especialisaremos o Ex.^{mo} Sr. Fortunato José da Silva Bastos, nosso prestimoso amigo.

—Espera-se que as sessões mensaes tenham o caracter mais pratico e educativo possivel.

Socius.

Boletim do Collegio

—A frequencia elevou-se com mais algumas matriculas.

—A *Influenza*, que tem grassado em Guimarães, tambem attingiu este collegio, mas muito benignamente.

—Aos—alumnos de perto concedeu-se a permissão de irem passar a casa os feriados do Carnaval. A *ida* foi na sexta e a *volta* será na quarta-feira.

Scholasticus.

Lição de Portuguez

Continuando o proposito não de todo inutil de compilar palavras ou modos de dizer incorrectos, apontarei aos meus caros companheiros de collegio mais os seguintes *gallivismos*:

Atelier
Debutar
Nuances
Deboche
Detulhe
Esquisso
Amusante
Envelope

Vosso
O. L.

Passeios

Os passeios são muito uteis. Actuam fortemente sobre os apparatus da respiração e da circulação, promovem a digestão, dão a todo o organismo uma agitação salutar, lançam nos pulmões ar puro e sadio, desenvolvem e enrijam o systema muscular, contrafazem os vicios da vida sedentaria,

provocam um somno revigorizador. Em summa, são dos melhores agentes que a saúde tem. Note-se porém que os passeios mais salutaes não são os que se dão por excellentes estradas ou caminhos planos: para que todas aquellas vantagens se aufram, os passeios devem-se dar de preferencia pelo campo e pelos montes, por caminhos irregulares que exijam do corpo constantes evoluções e esforços d'equilibrio e proporcionem ar limpo.

Não se limitam porém ao organismo as incontrovertidas utilidades dos passeios; tambem ao espirito se alargam e d'um modo efficacissimo. E' natural: se promovem a a saúde, provocam tambem a alegria; e todos sabem que esta é um dos primeiros elementos da saúde do espirito. Por isso os receitamos sobretudo aos melancholicos e aos concentrados.

Corpus & Anima.

Por longe

Já que o jornalsito dá espaço para tanto, vou lançar a vista por esse mundo além e fixar o que de maior vulto exurgir por lá.

—Cá pela Europa velha tudo parece sob a pressão terrifica d'um desabamento eminente: o descabro financeiro arrastado de longa data nos paizes do sul, Turquia, Grecia, Italia, Hespanha e Portugal, parece que principia a estender-se como cancro até a França, a Allemanha, a Austria, sem deixar immune a Inglaterra e a colossal Russia.

Ainda bem que nós os miseros, temos tantos companheiros na desdita. Mas não se accinge a isso a ruina do velho mundo: a questão social degenerescendo no anarchismo brutal é tambem um ponto muito negro para os que sob a investidura do poder, têm de velar pela segurança publica. Como redundancia dos males apontados, está na tela a revolução siciliana e outras virão, se os presagios não illudem.

—Para a America—a um tempo rival e arrimo da Europa—se voltam hoje as attentões do mundo, presas por interesses complexos e numerosos. No quadro das effervescencias revolucionarias de que enferma a America do Sul e Central figura hoje e ha muito tempo a infindavel revolução brazileira, polarizada por Mello e Peixoto que ambos parecem antepor as suas angustias

peçoas á grandeza da patria. Quanto ao mais, tambem la principia o alastramento do contagio europeu sob o ponto de vista financeiro, economico e social, mas sobram-lhe recursos e meios de resistencia.

Orbis.

Carta

Um ex-alumno d'este collegio, que soube e quiz deixar de si um bom nome e um bom exemplo, dirigiu ao Sr. Presidente da Associação de S. Luiz a seguinte carta á qual com summa satisfação e com a devida venia damos publicidade.

Este talentoso collegial, o anno transacto, prestou como secretario, relevantes serviços á Associação.

«... Sr. Presidente Nato da Associação de S. Luiz Gonzaga do Collegio de S. Damasco.

«Venho participar hoje a V. que usando dos direitos e prerogativas que me são concedidas pelos bem elaborados Estatutos pelos quaes se rege a Associação de S. Luiz, determinei conservar-me no numero dos socios d'essa mui conspicua e distincta Associação.

Ha muitos momentos de suave prazer e pura satisfação que passam rapidos mas deixam uma recordação indelevel.

Passei ali momentos d'esses, cuja recordação vive ainda e é ella que, fazendo-me olhar para o passado com tristeza e saudade me incita a dar este passo, buscando assim satisfação aos meus desejos mais vehementes e á minha melhor vontade.

Outrosim pertencendo eu ao numero dos que lançaram (seja me permittida a immo-destia) os alicerces a essa obra tão util, seria digno de severa censura o meu proceder se abandonasse agora o que outr'ora se fez com tanto trabalho para muitos ainda que com a melhor vontade da parte de todos.

Oxalá que os meus companheiros se tenham possuido dos mesmos sentimentos que me dominam para assim tornar mais facil a essa Associação o continuar a seguir o caminho da prosperidade.

Faço votos sinceros pela continuação da saúde de V. e pelos progressos da nossa Associação.

A esta minha declaração junto o protesto mais sincero da minha sentida gratidão e justa admiração por V.

F. B. F. d'A. S. M.»

A educação collectiva

Pensadores de muito nome disputavam sobre se deveria preferir-se a educação em familia ou a educação em collectividade, na escola, nos collegios, nos lyceus, etc.

A maioria vota rasgadamente pela ultima e abona o seu voto com provas e considerandos de mui subido peso.

Na verdade o infante em familia aprenderá o que lhe ensinarem mas na escola, no agrupamento, aprenderá isso e mais o que se ensinar a cada um dos seus condiscipulos: e a demais, as reprehensões e louvores que aos outros tocarem serão-lhe tambem a elle lição util. O agrupamento é meio muito mais adequado ao estimulo, ao sentimento do brio; o rumor, o borborinho de ideias, do juvenis aspirações que zumbem como enxame sonoro ao attricto facil d'aquellas cabecitas fervilhantes é, porque assim o diga, uma elasticisação constante e poderosa que alarga e vigorisa o ambito e a germinação do espirito. Além de que a educação em familia, no convívio só d'um circulo restricto de pessoas, que se conhecem de sobra e se estimam ou amam por dever, prejudica o instincto de sociabilidade, traz após o acanhamento que difficulta e desaprimora as relações uteis, e não deixa que se conheçam e avaliem a preceito as pessoas, antes, todas se affirmam pelos queridos padrões que ha em casa, os paes, os parentes achegados, o preceptor, e duas ou tres familias intimas. N'uma palavra, os jovens tem de ser educados para homens cuja vida ha de ser passada em pleno mundo entre o jogo de mil azares, entre os cambiantes mil que a fortuna ou a desgraça tem; portanto não devem crescer isolados como plantas de mimo no aconchego tepido do lar, devem cedo entrar no pequeno mundo da escola, que lhes será vestibulo para o mundo grande da sociedade.

Senex.

Expediente

Já enviamos para as estações postaes os recibos da 2.^a serie da *Crença e Letras*.

CRENÇA & LETRAS

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

A DIRECTOR

P.^o Antonio Hermano

Da Direcção do Collegio Vimaranesense de S. Dámaso

~~~~~

3.<sup>a</sup> SERIE

~~~~~

1894

**SOCIEDADE
MARTINS SARMENTO
BIBLIOTECA**



GUIMARÃES

Collegio de S. Dámaso

1894

Ao Ex.^{mo} Sr.

Dr. Pereira Caldas

Sabio Decano do Lyceu de Braga

Off.

O Director.

A' Prestimosa

Associação Escolar de S. Luiz

Valioso elemento de educação

Off.

© Director.

A cruz vermelha

No litoral d'Africa que se distende ao longo do Mediterraneo, esta-se travando no momento actual uma serie de combates horriveis: alli estão em lueta aberta dois povos differentes nos costumes, nas crêncas e na civilisação.

Já não é a primeira vez que aquellas paragens são o palco ensangnentado de acontecimentos d'esta ordem, pois parece que até ellas foram d'ha muito escolhidas para se apurarem alli as severas contas de raças poderosas, que em differentes seculos se teem digladiado.

Portugal, a Hespanha e a França, em combates pertinazes contra os filhos do Propheta, alli teem escripto paginas gloriosas da sua historia e tambem contado bem tristes revezes: os odios que movem estes conflictos veem de longe e teem-se repetido pelos decorrer dos seculos!

Batem-se alli, sempre em peleja d'exterminio, mais do que dois povos, mais do que duas raças, batem-se duas religiões.

O mahometismo é uma crêncça arraigada violentamente no coração dos filhos d'Islam e poe-lhes no espirito um vago ideal de recompensa eterna se a sorte da guerra os prostrar no campo, pois Maphoma lhes aponta como recompensa de todas as fadigas os mythicos gosos do triumpho no seio d'Allah. O christianismo é essa religiãõ santissima que inspira pelos processos da fé, as mais puras dedicações pela patria e alimenta o germen dos mais altos heroismos.

Foi o christianismo que fecundou no peito de tantos e tão gloriosos combatentes nossos as glorias que a nossa patria conquistou na expulsão dos arabes de terras da peninsula

e que nos deu celebradas victorias quando fomos por necessidades do nosso viver social e pelo desempenho do nosso importante papel de dilatadores da fé e pregoeiros da civilização batel-os no seus proprios dominios.

Tivemos lá tambem enormes revezes, paginas de luto e sangue, como Tanger e Alcaccer-Quibir, succederam-nos desastres como se teem dado com outras nações; mas o espirito consolador da religião teem-se erguido deslumbrante de dedicações a minorar os soffrimentos, a cicatrizar as feridas, a aliviar as penas, a resgatar os captivos.

Quem desconhece na nossa historia essas paginas de luz que nos fallam da piedade com que os Trinitarios iam á mauritania resgatar os captivos que alli gemiam sob o pêso de torturas nos horrôres dos carcerees? Quem não tem visto ainda ha pouco os trabalhos beneficentes do cardeal de Lavigerie em pro da liberdade das raças servas?

O christianismo não se cança, não se estafa, não se fatiga de proporcionar altissimos beneficios á humanidade que tem de pagar indeclinavel tributo ao soffrimento e ás lagrimas.

Ainda no momento actual em que a Hespanha está luctando com as durezas de repetidos combates em Melilla, o fervôr religioso do povo hespanhol, (pois a Hespanha é um paiz decididamente catholico), tem erguido não só as mais decididas provas de patriotismo na formação dos contingentes do exercito que corre pressuroso á peleja, como tambem ha organizado uma amplissima cruzada de beneficencia para acudir aos feridos e fazer com que os hospitaes de sangue, aos cuidados da Cruz Vermelha, estejam providos de todos os soccorros e d'um pessoal todo cheio do espirito da caridade christã.

E ao mesmo tempo que isto se passa no visinho paiz, tambem no nosso se abre uma campanha de sincera condolencia e a Sociedade da Cruz Vermelha Portugueza já enviou para o campo da guerra valiosos soccorros: assim o manda o espirito das crêças religiosas e o fervôr da caridade!

Pois no meio d'aquella briga ferina onde se jogam tan-

tas vidas e se debatem tantos interesses; por entre a grita dos combatentes e o estrondear dos canhões; acima d'aquella seara de baionetas, d'aquella tormenta de fuzilaria, d'aquelle incendio de metralha, tremedal de horrôres, d'aquelle immenso mar de sangue, ergue-se placida, serena e immaculada a bandeira branca da Cruz Vermelha.

E' como a pomba da Arca abrindo as azas por sobre os destroços do diluvio, é o archanjo da paz a evidenciar as suas doçuras ethereas, e a figura sublime da caridade christã distribuindo balsamos, espargindo beneficios, liberalisando consolações.

E' sobre tudo e acima de tudo o espirito d'essa crêça eterna que se ergue sobranceira a todos os naufragios e a todos os cataclysmos que ferem duramente a humanidade

E' a religião augusta d'aquelle que em um diluvio de sangue, do seu proprio sangue resgatou os homens, ungiu-se com os elementos da Verdade, alumiu-lhes a consciencia com os clarões da Justica e inoculou-lhes no coração os principios edificantes do Bem.

A acção caritativa da Sociedade da Cruz Vermelha evidenciando tantas benemerencias, traduz bellamente pelas realidades praticas o espirito do Evangelho, o ideal da caridade christã.

Consolador e edificante é o espectaculo que nos dá esta serie de abnegações e sacrificios, posta ao serviço e em socorro da humanidade!

Porto 11—1893.

Padre F. J. Patricio.

PATRIA!

Era na pobre Alsacia á França conquistada,
 N'uma eschola aos cordeões disvellos arrancada
 Dos bondosos Irmãos,
 Onde piedosamente outr'ora se ensinara
 A alliar o santo amor da patria doce e cara
 Co'os principios christãos.

D'aquelles como paes queridos saudosos,
 Junto de estranho mestre os jovens estudiosos

Reunidos estão :

Entre este e os *outros* ha patentes differenças;
 Mais ou menos talvez no seio tenha crenças,
 Mas não tem coração!

Aos olhos juvenis, com requintada manha,
 Nova carta da Europa, obrada na Allemanha,

Expõe o professor :

Co'a avidéz natural á sua ingenua idade,
 Chega-se, olha, examina aquella novidade
 O grupo, de redor.

Certos imperios são n'ella representados
 De territorio extenso e fertil augmentados,

Com arrogancia audaz ;

Em tanto que, ludibrio atroz ou fero ameaço,
 No mentiroso mappa o paiz franco a espaço
 Mui reduzido jaz.

Com maligna alegria o mestre contemplava
 Dos jovens o semblante, e a um d'elles perguntava :

«E onde é que a a França está?»

De colera fremente, a creança empallidece,
 E lagrima de dôr os olhos lhe humedece,
 Perante a astucia má.

Mas rapido fulgor a fronte lhe illumina,
 E diz com ella erguida, altiva, purpurina,

E com nobre emoção:

«A França acha-se aqui!» E, ao dar esta resposta,
 A pequenina mão tinha, orgulhoso, posta
 No ardente coração.

A. Moreira Bello.

A EVOLUÇÃO PELA CRUZ

(DISCURSO)

Minhas Senhoras

Meus Senhores

A humanidade quando recorda o que já foi para comprehender o que é hoje, póde com legitimo orgulho erguer a fronte e contemplar satisfeita o edificio que se levanta ma-

gestoso sobre as ruínas do passado; pois só quem desconhecer a historia contestará, como ha bem poucos annos ainda um jornalista francez, a sua evolução progressiva através dos seculos.

Sempre anhelante de infinito, sempre animada de desejos immensos, é certo que ainda tem longa estrada a percorrer, e esta muito arripiada de asperezas, muito interceptada d'obstaculos, muito cercada de nevoeiros.

Mas a quem não allumiam já os raios de sol coando-se através das nuvens?

Quem não vê em esboço a magestade da figura destacando-se do fundo negro do quadro?

As trevas da ignorancia vão-se desfazendo e a luz que já se accende nas intelligencias extirpa os preconceitos, desloca os prejuizos e apeia os privilegios.

O progresso e a civilisação não são já a illusão nem mentira, de dia a dia vemos melhorar sensivelmente, augmentar e desenvolver as condições physicas da sociedade e estreitar mais e mais as relações moraes entre os homens.

Os povos unificam-se pela fraternidade reconhecida e uniformisam-se pela instrucção.

O progresso vae desdobrando o seu manto recamado de fulgurantes estrellas e cobrindo com elle todas as raças.

Sim. O homem tem feito muito, tem trabalhado muito, tem luctado muito para chegar até onde está hoje. Quem ousará negal-o?

Mas não fez tudo.

Uma arvore cujas raizes bebem o sangue do que a plantou ha desenove seculos, engrossou o tronco, distendeu os braços e copou a rama. E hoje todos aspiramos com delicia os gratos perfumes das flores que lhe rompem pela folhagem, e todos os povos saboreiam com prazer os mimosos fructos que pendem das suas hastes.

Mostrar a largos traços o que fizeram o homem e o Christianismo em prol da civilisação e do progresso — eis o assumpto que me proponho.

Não desejo mostrar dotes oratorios, que me faltam, traz-

me aqui só a amizade, o respeito e a gratidão que devo a quem dirige esta casa ⁽¹⁾ e a confiança n'um auditorio illustrado que tudo desculpa.

Senhores:

O homem estava ainda na sua infancia e iniciava já a grande lucta com a natureza, lucta que ainda não parou e que tem sido incessante, enorme, colossal, em todos os paizes, como em todos os seculos.

O primeiro homem acossado pela necessidade, movido pelo instincto da conservação teve de luctar e luctou mais que ninguem depois d'elle.

E como devia ser sublime n'este combate grandioso, desesperado, travado braço a braço com toda a natureza, sem outros recursos, sem outras armas que as proprias forças, desfallecendo aqui para se levantar mais forte acolá, avançando sempre, conquistando sempre, sem jámais recuar um passo deante do colosso que zombava dos seus esforços.

Quantas vezes teria de luctar até consigo mesmo para não cahir, para não sossobrar, cançalo, quasi exanime, como se conhecesse que de mais um esferço, de mais uma energia, de mais uma fadiga havia de depender mais tarde a victoria.

Umaz vezes teve de defender-se das feras que o disputavam entre si, outras de proeural-as para do covil d'estas fazer habitação sua, outras tantas houve de lhes ir offerecer combate para se alimentar e vestir.

Quantos obstaculos lhe impediram os passos, quantos abysmos se lhe abriram aos pés?

E o homem não parou em face d'aquelles; nem cahiu no sorvedouro d'estes. Superou uns, e transpoz outros, collendo o primeiro louro n'este grandioso combate que ainda hoje dura e que fez do homem um gigante, e do gigante quasi um Deus.

Em si encontrou recursos para vingar a sua existencia dos perigos a que estava naturalmente exposta, dos ataques

(1) O Collegio de S. Dámaso.

das feras, das inclemencias do tempo, das enfermidades phisicas e do martyrio da fome.

Preparou armas de pedra que enchem hoje os museus, serviu se d'ellas como instrumentos d'ataque e defeza, vestiu a pelle dos animaes para se preservar do frio, revelando assim o seu genio industrioso e productivo e dando d'este modo o primeiro passo no caminho da civilisação e do progresso.

Este instincto, o da vida, sem duvida o mais providencial que a natureza lhe deu, porque sem elle ter-se-hia estiolado a humanidade, não o dominou todavia exclusivamente, deixou acordar n'elle outros dons, a religiosidade e a eurioidade, que originaram a religião e a sciencia.

A religião e a sciencia, effectivamente na sua origem são fidalguissimas, os seus annos contam-se pelos da humanidade.

E' que esta sêde inextinguivel d'amor e saber não é d'hoje, é velha como o homem cuja natureza não mudou ao fim d'esta longa travessia que tem feito pelos seculos, ao termo d'esta continuada successão de gerações novas a gerações que descem ao tumulo. Tiveram a mesma mãe illustre, a alma, que por ser sopro divino é tudo o que de mais nobre, sublime e magestoso viu ainda o mundo. Ambas rainhas, os florões diamantinos dos diademas que lhes cingem as fronte angustas refulgem aos raios de luz do mesmo sol, — a verdade. Ambas soberanas, os pedestaes de seus thronos engastam nos proprios berços, o sentimento e a idcia, emballados, um nas aguas remançosas do coração, o outro no mar revoltado da intelligencia.

No primeiro dia da existencia do homem o sol, como hoje, beijando as cumiadas das montanhas e as franças das florestas, esparguindo-se indolente pelos valles, lavando as suas tranças louras e formosissimas no mar e tecendo recamos d'ouro na arqueada superficie das ondas, veio mostrar-lhe o soberbo espectaculo da terra em toda a sua pujança de vida, em toda a sua belleza agreste e selvagem.

O homem a principio não o comprehendeu, o seu pri-

meiro olhar foi vago, como o da creança, que acaba de nascer, olhando a face da mãe, que a aperta ao seio e lhe prodigalisa as mais doces e ternas caricias. Apenas porém, se habituou á luz que o cegava a principio e contemplou mais a sangue frio o formoso quadro que a natureza por toda a parte lhe offerencia, dominou-o o desejo de indagar a razão do que via.

E que que haverá de mais natural? Quem ignora que a primeira preocupação da creança, principiando a reflectir, é saber o modo como entrou no mundo?

O homem, depois de ter a consciencia do seu existir e da existencia de tudo o que o cercava, procurou levantar o véu do mysterio e conseguiu-o pela simples contemplação da ordem e das maravilhas da natureza.

As suas mãos ergueram se então para o ceu, e os seus labios murmuraram a primeira oração mil vezes sublime na sua simplicidade.

O instincto religioso accordou n'elle muito cedo e envolveu-se depressa, como seria facil proval-o pelo estudo das religiões dos povos antigos.

Com a sciencia porém não succedeu o mesmo ainda que no seu principio subjectivo não seja mais nova.

Na sua objectividade, nas suas manifestações só mais tarde começou a dar os primeiros passos, porque a curiosidade, origem d'ella foi embalada por muito tempo nos braços da religião.

O homem por seculos occupado em melhorar as condições mais indispensaveis á vida, não teve occasião de principiar a rasgar o espesso veu em que os mysterios e segredos da natureza estavam envolvidos.

Contemplava, é certo, com pasmo e admiração os phenomenos da natureza, mas só via n'elles immediatas manifestações do Creador.

As suas causas immediatas e naturacs só depois de decorridos muitos seculos foram objecto da sua attenção. Para desvendar o mysterio dos phenomenos, ainda os mais vulgares e descobrir as suas leis reguladoras, quantos es-

forços perdidos, quantas vigílias gastas, quantas existencias consumidas?

O dia de então era mais escuro que as trevas d'hoje.

Quantos esforços insanos para descongelar a treva e condensar a luz?

Mas venceu e encheu-se de gloria. E hoje com a rapidez do raio que cáe impotente a seus pés, cruza os continentes em todas as direcções e derrama como gotas de chuva benéfica a instrucção e o saber por todos os povos e classes sociais.

Apoderando-se de muitas forças da natureza por muitos seculos desconhecidas, dá movimento e vida á materia bruta, poupando-se muitos esforços e fadigas, tornando mais rapida a producção, menos custosos os objectos produzidos e portanto mais facil a satisfação de necessidades nos que carecem de largos meios de fortuna.

Mas será este o unico objecto da civilisação? Consistirá apenas em conquistar luzes para a intelligencia? Terá só por fim converter a densa nuvem dos mysterios em transparencias crystalinas e transformar os miasmas deleterios dos pantanos em fragancias de rosas?

E a consciencia e o bem? E o dever e o direito? E os principios sociais?

E o coração que nasceu para se abrir a sentimentos nobres e generosos, para se expandir como as nuvens ha de ficar ressequido como as folhas do outomno, enfezado e rachitico como a flor nunca acalentada pelos raios do sol?

Não. A civilisação tem uma objectividade mais lata. Exige equipolencia de lavor material e de progresso moral. Quer que as duas espheras do espirito e do coração se aquilatem.

E a gloria de ter conseguido tudo isto cabe unicamente ao Christianismo.

Meus senhores.

Quando desejamos conhecer profundamente uma epoca

historica vamos estudal-a nas suas leis, instituições, costumes, tendencias e em tudo aquillo em que ella necessariamente se traduz, na sciencia, no commercio, na industria, com todos os seus ramos especies e variedades, porque tudo isto constitue o cylindro sobre que ella gira, a moldura em que ella se contem.

Depois, comparando-a com os mesmos ramos d'actividade n'outras eras, observamos-lhe os progressos e pesquisamos-lhe os defeitos.

Os povos que antes do apparecimento do Christianismo maior grau de progresso accusam, são sem duvida, os gregos e os romanos.

Aquelles souberam fazer da Grecia a patria das artes e da cultura intellectual, estes reduzindo-os á servidão pela conquista, encontraram muito que aprender dos vencidos e procuraram imital-os. As artes e as letras na Grecia como em Roma attingem o maior desenvolvimento, cultivam-as oradores como Demosthenes e Cicero, philosophos como Platão e Aristoteles, poetas como Pindaro e Virgilio, e protegem-as homens illustres como Pericles e Augusto.

Até a sciencia abre já o seu martyriologio.

Plinio que ensaia a philosophia natural vae morrer asphyxiado no Vesuvio victima do seu amor á sciencia.

Emquanto porém são tão sensiveis os progressos da intelligencia, a sociedade vae-se dissolvendo e anniquilando á falta de grandes ideaes e impulsos de sentimentos nobres. As leis não definem com justiça os direitos e os deveres, nem demarcam com rigor os limites das suas diversas espheras d'acção.

O unico vinculo da familia é a vontade do seu chefe.

A mulher é uma escrava, o trabalho illiberal, a escravatura o que ha de mais justo, a sciencia monopolio d'alguns.

Da mulher, disse Catão, o homem mais severo de Roma: «não deve fazer parte da humanidade».

Do trabalho, disse Cicero, o homem mais eloquente da

republica: «trabalhe o escravo e não o homem livre, porque o trabalho não honra, amesquinha e avilta».

E Platão, a quem os gregos chamaram divino, abriu as portas da sua escola só a mathematicos.

Eis o quadro da civilização antiga que se póde reduzir a isto :

O bem-estar dos povos uma chimera, a liberdade uma utopia.

Desponta no horisonte o Christianismo e contrapõe a estas ideias que a historia exarou na ultima pagina da civilização antiga doutrinas que constituirão sempre a pagina mais rutilante da civilização moderna.

A' familia assignou um vinculo mais forte, os affectos mais estremosos do coração. A' mulher de escrava que era tornou-a rainha, e hoje vemol-a graciosamente sentada no throno do lar occupada a enxugar o suor do trabalho da frente do marido que agora se curva solícito a seus pés, e a enthesourar virtudes no coração dos filhos que lhe sorriem com amor.

Ao escravo, proclamando a fraternidade universal e declarando todos os homens uriundos d'um mesmo tronco, despedaçou já quasi todos os elos da pesada cadeia que lhe algemava os pulsos e continua a limar os poucos que ainda restam prestes a despedaçal-os tambem.

Por fim é o proprio fundador do Christianismo que pelo seu exemplo enobrece o trabalho, a primeira fonte da prosperidade publica, e proclama o direito de todos á instrucção mandando ensinar todas as gentes.

E hoje vemos hasteada em todas as regiões a bandeira da liberdade tremulando agitada por todos os ventos, e a estatua do progresso dominando sobranceira todos os povos tem na frente esta inscripção: «Levantaram-me os esforços do homem e a propagação do Christianismo.»

Disse.

Manoel Pinto Montenegro.

A juventude e o tabaco

Os governos de todos os tempos e condições tem sempre ligado a maxima attenção ao desenvolvimento physico e moral da mocidade. Legisladores houve que, chegaram mesmo a tocar as raias do fanatismo e a commetter verdadeiros excessos de precauções e penalidades. Modernamente quasi todas as nações civilisadas se tem esforçado em regular a idade e o genero de trabalho dos menores. Nada mais justo e que mais interesse ao futuro da sociedade.

No emtanto, ha um mal publico, patente ahi aos olhos de quem quer vêr, que concorre muito a par d'outros muitos para o estiolamento da mocidade, qual é o abuso do tabaco.

Ninguem ignora que tal vicio se tem divulgado d'uma maneira extraordinaria, entre os jovens e as creanças, n'estes últimos dez annos. Não raro a gente encontra por essas ruas verdadeiros bambinos de cigarro brejeiro ao canto da bocca, e já uns prodigios na *arte!*

O dr. Emilio Laurent, inspector das escolas em França, publicou ha tempos um importante relatorio ácerca dos jovens fumadores d'aquelle paiz, do qual se deprehende que a maior parte dos estudantes fumam. E um director d'uma escola de Paris affirma que, d'entre os seus discipulos de mais de 12 annos, metade fuma; de 10 a 12, um terço; de menos de 10, um numero relativamente consideravel.

Nós apezar de não estarmos tão *adeantados* debaixo d'este ponto de vista, para lá caminhamos a passos acceelerados, se uma medida repressiva não vier pôr um dique á torrente.

Todos conhecem e lamentam o deploravel habito do fumo contrahido n'uma idade em que o tabaco não póde deixar de exercer a mais funesta influencia quer sobre o organismo, quer mesmo sobre a intelligencia.

As propriedades toxicas e narcoticas do tabaco actuam

da maneira mais nefasta sobre o cerebro ainda tenro das creanças, que em consequencia d'isso, se tornam preguiçosas, incapazes de grande esforço intellectual ou de energia moral. E' o que teem observado medicos e especialistas muito abalisados.

Como obviar a este mal gravissimo?

Como reprimir um habito que começando por uma brincadeira de querer parecer homem, vae terminar n'um suicidio lento mas verdadeiro?

Podera' o governo portuguez, á imitação d'outros, adoptar alguma medida coercitiva a tal respeito? Parece-nos que alguma cousa pôde fazer em beneficio da juventude, prohibindo debaixo de determinadas penas o uso do tabaco aos menores de uma determinada idade.

Em alguns dos cantões suissos, Fribourg, por exemplo, é prohibido fumar antes dos 16 annos completos.

Os delinquentes pagam uma multa, que varia desde 1 até 9 francos. Na Allemanha, Tréves, Coblença e em toda a Alsacia Lorena os jovens que forem encontrados a fumar em publico pagam de 3 a 11 francos. Na America varia a penalidade, conforme os diferentes estados, entre 500 e 250 francos.

E' verdade que os governos só por si pouco podem fazer, mas esse pouco junto aos esforços dos paes, professores e directores de collegios será bastante para atacar um dos inimigos do arrijamento physico e moral da juventude portugueza.

Cumpre, portanto aos chefes de familia, aos mestres e aos governos vigiar attentamente pelas creanças e jovens que estão sob a sua dependencia, afim de preserval-as d'um vicio, tão compromettedor e de tão funestas consequencias.

Os nossos melhores collegios de educação, os poucos que por ahi ha com a consciencia nitida da sua alta missão social, prohibem sob penas gravissimas o uso do tabaco aos seus alumnos, e isto em absoluto seja qual fôr a sua idade.

Não somos inimigo irreconciliavel do tabaco. Opinamos mesmo que pôde ter relativas vantagens individuaes e

ser o grande e mais importante constitutivo da fazenda publica.

O que não queremos, o que ninguem que pense no futuro da sociedade portugueza póde permittir é o uso do tabaco aos menores de menos de 18 annos.

Não deixemos que a mocidade portugueza se envenene, que ella póde ser ainda uma boia salvadora em meio d'este cahos em que tudo se vac submergindo.

J. d'Oliveira.

MEDITAÇÕES

O tempo.

E' noite. Mais um fugaz dia da minha vida se afundou no insondavel passado!

Se meditassemos no valor d'esses pequeninos élos da existencia fugidia, com que amargurada saudade os veriamos descer no volante do tempo, com que magua lacrimosa contemplariamos esses poentes que nos levam retalhos do nosso ser e nos abeiram momento a momento do inevitavel abysmo!

Os inglezes encarando tudo pelo prisma do egoismo, dizem que o tempo é dinheiro—*time is money*—cu digo que o tempo é mais do que isso; é a propria vida, é a propria alma, é o proprio ser desfibrando-se subtilmente.

A duvida.

A's vezes a duvida, com suas funebres azas de sombra rasa pelo meu pobre espirito crente e, qual tufão que se desata, acastella bulcões aqui, além, na planura radiosa de minha fé: presto, porem, o bom senso religioso apontando para Deus—e alpha de todo o ser—arranca-me á fascinação do erro e eu, da crua dor de desespero, volvo ao suave jubilo da esperanza, filha da crença.

Não consigo desvendar tal mysterio? desenha a razão o negrume d'um absurdo em tal verdade?

Que importa? que pretendo eu na pequenez imponderavel de meu ser?

¿Comprehender tudo, subordinar tudo, ao veredictum de meu intellecto?!

Ousio estranho! acaso o noitibó fixa a pupilla fulgurante do sol?

Nós, os ignaros, que sonhamos rubricar tudo com o *placet* da razão, repetimos a empresa phantasiosa dos Titans, que ao menos eram gigantes: escalamos o ceu, alçamos a vista muito para lá dos terminos do saber — as columnas d'Heracles do pensamento —.

Seja a humildade o temão da intelligencia.

A vida.

Amanhece. Pela veiga além, na cidade — colmeia humana —, nos casaes das herdades, ao longe e ao perto, principia a freima santa do trabalho: aqui um carro estridulo e tardo, adeante o cantar limpido e são de camponeza madrugadora, o assobiar jovial d'um operario, columnelos de fumo ondulando em espiraes e sobindo como a prece, silvos alacres de vapor, soluços mysticos de campanzrios, fremitos quentes de officinas. . .

E' a vida que se reata e resurse n'um hymno symphonico, n'um *crescendo* magnifico.

Imita minh'alma essa refluição gloriosa da vida e seja cada bella manhã um passo mais firme avançado na via sacra da virtude: filtrem-se no imo coração os echos da lida matinal envoltos no vello doirado d'alva e coem-se-te na consciencia como um *surge* biblico, como um rebate do Dever, como a voz do proprio Deus.

Um velhinho

Vêde o ali a um canto, ao calor carinhoso do bom sol de dezembro. Olhae como tremulo se acurva para o chão e como raras lhe alvejam na fronte vincada as ultimas cãs! vae lento e lento pela mão glaciada da edade achegar-se do segundo berço — o tumulo —.

N'aquelle rosto sereno a vida já adormecida apenas se agita ao rescaldo do passado: a vista maguada só se accende para olhar a revoada estridula das mil saudades que vão pela imaginação além como bando d'aves migradoras...

Em frente do velho nostálgico, cuja alma se pasce nas visões que lá vão, retouça gracil um grupo de creanças em cujos olhos refulgem mundos de alegrias immaculadas.

Que contraste! a aurora e o pôr do sol!

O prazer a desatar-se em risos e a saudade a desfazer-se em prantos!

O Pulpito

Quanto elle vale não o sei eu dizer! Na gamma alta e profunda do seu poder ha uma escaleira que se não mede. Das forças maiores que o christianismo tem nenhuma se adianta a esta tribuna augusta.

.....

O templo é cheio a milhares: lá em cima no altar magnifico os ministros do Senhor executam os ritos do grande sacrificio: pelas naves antigas ondulam como preces os gemidos do órgão a chorar: fez-se silencio: na cadeira mystica levanta-se o levita: aquellas cãs, aquella batina, ou antes mortalha, aquella estola, aquella logar, aquella solemnidade, tudo é penhor de que os labios do unguido de Deus vão dizer a verdade mais pura. Escutae: falla do vicio e do seu cortejo de horrores: no verbo quente como a sua fé ouve-se-lhe latejar o coração, a vida, a caridade: as palavras commovidas caem sobre o mal como estalidos de latego, retalham-no, poem-lhe a nú a infamia vil. A seara humana emociona se, soluça, chora: na consciencia convulsa, penetra a radiação da verdade, reponta o estímulo do bem e a sombra esqualida do vicio, recúa, foge, some-se á voz angelica do ministro do templo.

Das forças maiores que o christianismo tem, nenhuma se adianta a esta tribuna augusta.

P.^e Antonio Hermano.
